

Memória
Viva do
Morro da

Floresta

Vitória / ES

Nossa 
história
Nossos Bem

Território do Bem - Vitória - ES



Realizado com recurso do
Funcultura

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria da Cultura



ibram

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



Apresentação

O Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem, contemplado no Prêmio da SECULT/ES – “Criação de Pontos de Memória”, com a intenção de resgatar e preservar fatos e conhecimentos não presentes na história oficial, valorizando a memória social e fortalecendo a identidade do Território do Bem fez rodadas de conversa, individuais e coletivas, com moradores que vivenciaram a história de formação dos bairros São Benedito, Itararé, Consolação e das comunidades Floresta e Jaburu, na cidade de Vitória/ES.

Estimulando que o próprio Território pudesse olhar sobre si mesmo e suas referências locais, um grupo de lideranças, participante do Fórum Bem Maior (fórum de moradores do Território do Bem) foi convidado pelo Ateliê de Ideias para animar em seus espaços de atuação a ideia do resgate da história local.

Coube a essas lideranças a atuação como mediadores e conselheiros e a indicação do grupo de jovens moradores que participaram diretamente na realização do inventário participativo.

Os moradores mais antigos deram seus depoimentos e repassaram seus conhecimentos, dando destaque aos lugares que têm ou tiveram significado histórico.

Foram feitas pesquisas documental para ilustrar as informações transmitidas pelos moradores que vivenciaram a história. Fotos antigas e documentos foram localizados, com moradores, nos arquivos públicos, municipal e estadual, na Universidade Federal do Espírito Santo e na Prefeitura de Vitória.

E através da imersão em cada uma das etapas do inventário participativo os jovens estagiários tiveram a oportunidade de conhecer a trajetória histórica que originou a sua comunidade, compreendendo o passado e aquilo que os rodeia nesse instante.

Desse trabalho resultou uma coleção de histórias que se tornam referências culturais comunitárias em razão da história da formação dos bairros e comunidades do Território do Bem.

Denise Barbieri Biscotto e Valmir Rodrigues Dantas
Coordenadores do Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem

O Território do Bem - Vitória/ES

Vitória-ES

No século XX, em função da ocupação dos morros, que refletem as luzes das casas nas águas da baía, **Vitória** passou a ser chamada de “*Cidade Presépio*”.

O Município de Vitória é composto por uma área continental e outras 34 ilhas. É constituído por 80 bairros, com população de 319.163 habitantes.



Foto de THAIS GOBBO

Território do Bem.

“[...] toda cidade vai cantar e finalmente vai voltar, aos tempos atrás, aos tempos da paz, ao tempo da consideração, quando era menos ambição e o coração valia muito mais.”

(Nelson Cavaquinho)

O Território do Bem. Este é o nome adotado pelos próprios moradores para uma região que é chamada de **Poligonal 1** pela **Prefeitura de Vitória, ES**. Esta poligonal, localizada na região central do Município, está circundada pelas avenidas **Leitão da Silva, Vitória, Maruípe e Marechal Campos** e é composta pelos bairros **Consolação, Bonfim, São Benedito, Bairro da Penha, Itararé** e pelas comunidades **Engenharia, Jaburu, Floresta** que juntos somam 32 mil habitantes (10% da população de **Vitória**).

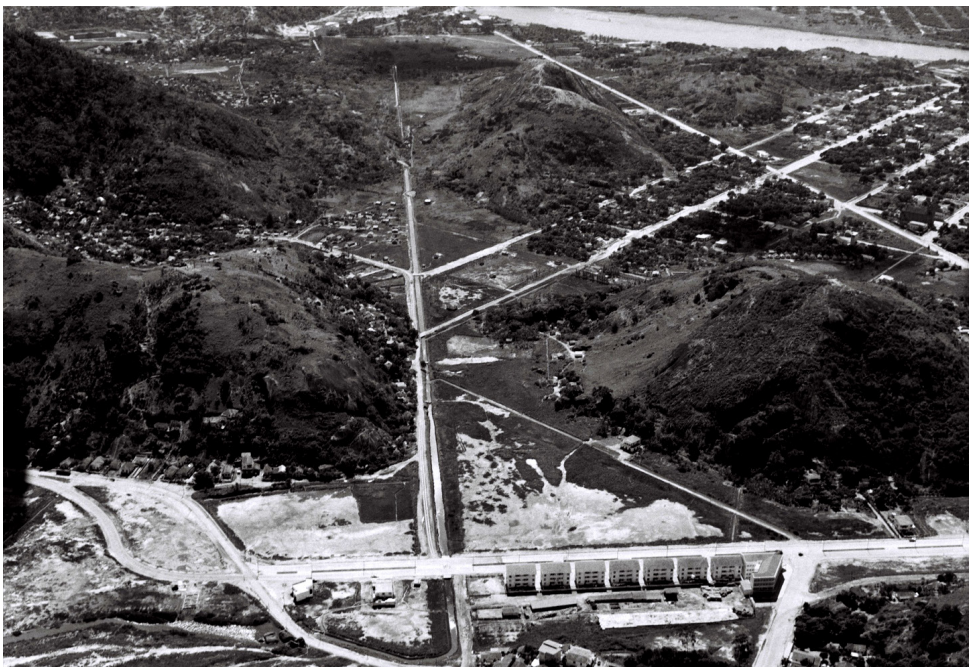
A ocupação deste território começou no final dos anos 20, nas partes mais baixas e se intensificou na década de 60, nas partes mais altas, com migrantes do interior do **Espírito Santo** e também de outros estados, expulsos dos campos pela crise cafeeira e atraídos pela

industrialização recente da Capital e de seus entornos.

Sem estrutura para receber essa galopante migração campo-cidade, muitos problemas socioespaciais surgiram, principalmente a ocupação irregular de encostas e manguezais.



Av maruípe, em 1960



Fotos de Paulo Bonino,
arquivo SEDEC PMV,
da Avenida Leitão da Silva
em 1960 e em 2001



Sargento Carioca

Essas ocupações nem sempre eram pacíficas e o “**Sargento Carioca**” (um militar reformado do exército) foi o principal organizador tático das ocupações, que se dava com frequência durante as madrugadas, como forma de evitar o enfrentamento com

policiais. Os barracos erguidos eram muitas vezes derrubados pela polícia e pelos proprietários das terras, mas reerguidos pelos ocupantes.

ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR
(Sargento Carioca)



Vitória, 01 de setembro de 1987

Exm. Sr.

Maria José Alves Araújo

& seus familiares.

HISTÓRICO DA IMAGEM DE SÃO BENEDITO
SITA EM SEU PODER. NO ALTO DO ITARARÉ

CÓPIA PARA MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO. FICAR COM MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO.

Eu, abaixo assinado, 3º Sargento PM Reformado, Ascendino Fagundes de Aguiar, conhecido por Sargento Carioca, sou natural do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, sou conhecido pelo povo deste Estado, Vitória, Esp. Santo, pelas campanhas de Líder Proletário, porque resolvi em 1953 iniciar uma campanha por minha conta para ocupar, lotear ruas, reservando locais para a igreja Católica, local para Escola, Praças, com o povo, isto tudo feito, tudo foi conseguido, água, luz, calçamento, escadarias, creches, sempre consegui policiamentos; os marginais não tiveram tréguas, nunca houve tumultos com a lei, nem problemas com o governo, apesar da proibição, muitas vezes terrorista das autoridades, sempre foi proibido fazer barracos. A quem possa interessar as povoações, iniciaram o Bairro da Penha, 1953, Bomfim, 1955, Baixada e Alto Itararé 1961, Alto São Benedito 1963, Alto Consolação 1966, Bairros São Pedro I e II e demais 1977 e demais povoados na Grande Vitória. Fui candidato a Vereador desde 1958 até 1982, agradeço a todos os viventes conscientes que votaram e falaram a meu favor, sou um devedor a todos os eleitores em todas estas eleições, fico muito grato também, fico grato a todos os governos que atenderam meus apelos, junto com o povo. A favor das melhorias, inclusive as linhas de ônibus Alto Caratoíra, Penha, Alagoanos, 1964 e linha de Itararé, 1962, peço desculpas a todos viventes por qualquer dano causado mais um homem sozinho desarmado tinha que atender fielmente a todos e a tudo, ficaria impossível sem cometer erros. Mas de fiz os erros peço desculpas.

HISTÓRICO: da Imagem São Benedito, 80 cm de altura. Por ocasião das eleições municipais em Vitória, um candidato a Prefeito Sr. Abido Saad, agora falecido me entregou esta imagem para a nossa Igreja no Bairro da Penha, Vitória (1962) com uma procissão de 500 pessoas, ela ficou na igreja Penha. Trazida pelo povo da Praia de Santa Helena. Ela ficou na cidade igreja até 1966, consegui um material, tábuas e telhas e o povo construiu a 1ª capelinha, Alto São Benedito, sendo que anos após esta capelinha apodreceu então Dona Maria José Alves Araújo, com o povo, construiu de madei

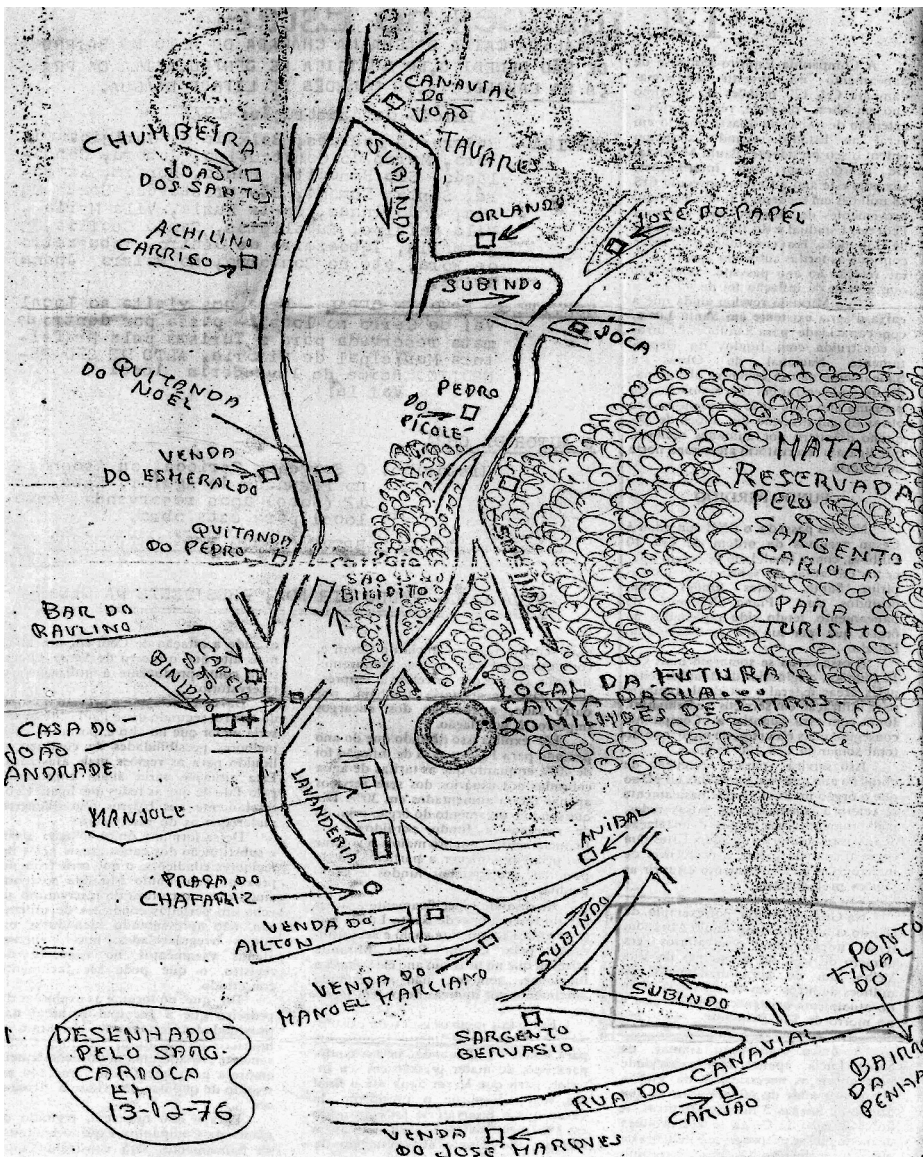
ras outra, parabéns a todos.

Assim, faço entrega desta imagem que, desde 1968, está sob os cuidados de Maria José Alves Araújo, a Diretoria atual da capela São Benedito no alto Bairro São Benedito, em Gurigica. De Dentro agradeço pela honesta guarda desta imagem.

Obrigado a todos os católicos.

Ascendino Fagundes de Aguiar
ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR =
3º Sgt PM REF = SARGENTO CARIOCA

Documento, direcionado à Dona Maria José Alves Araújo (moradora de São Benedito desde a fundação do bairro), escrito e assinado pelo sargento carioca.



Somente a partir da década de 80, os problemas ambientais e de infraestrutura urbanas começaram a ser enfrentados. Em 1998 foi implantado o **Projeto Terra**, com ações para integrar e concretizar políticas sociais, habitacionais, de preservação ambiental e melhorias urbanas. Em 2007, o projeto passou a ser chamado de **Terra Mais Igual** e incorporou o conceito de **Desenvolvimento Humano**.

Desenho guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

Cesan investe em 1977 120 milhões no Estado

LOCAL: DA CAIXA D'ÁGUA, NA CHAPADA DO ALTO DO BAIRRO DE SÃO BENEDITO, EM GURIGICA DE DENTRO. ACIMA DA PRAÇA DA LAVANDERIA. 20 MILHÕES DE LITROS D'ÁGUA.

Início da construção: 1977

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento irá investir aproximadamente Cr\$ 120 milhões no próximo ano em obras de rede, reservatórios e extensão de linhas de abastecimento em geral no Estado, segundo anunciou ontem o seu presidente, Paulo Miranda. De acordo com suas informações, somente este ano a Cesan conseguiu Cr\$ 28 milhões em recursos a fundo perdido, provenientes de doações dos governos Federal, Estadual e do Banco Nacional de Habitação. Isso contribuiu para fazer com que as tarifas subissem apenas 30% em relação ao ano passado, enquanto que a taxa de inflação foi de 40%.

Paulo Miranda revelou ainda que a caixa d'água existente em Santa Lúcia, com capacidade para 5 milhões de litros e construída com fundos do Departamento Nacional de Obras e Saneamento não se encontra abandonada, devendo entrar em funcionamento no próximo ano, logo após a conclusão das obras de substituição de tubos de pequeno diâmetro por unidades maiores, que ligam o reservatório até a zona norte de Vitória.

FUNDO PERDIDO

No mês passado, o BNH concedeu à Cesan recursos da ordem de Cr\$ 10 milhões, com a finalidade de serem aplicados em obras de saneamento no Espírito Santo. Estes fundos eram oriundos do Plano Nacional de Saneamento, tendo sido repassados ao órgão, que por sua vez os destinou ao Estado.

A essa verba se somaram mais Cr\$ 18 milhões, originários de doações feitas pelas áreas federal e estadual, também para utilização em serviços semelhantes. Junto com essa quantia, a Companhia conseguiu mais recursos, de modo que no total somaram Cr\$ 120 milhões.

Isso servirá para a execução de obras no ano que vem, incluídas no plano que o órgão mantém e que basicamente se refere à construção de novas redes, melhoramentos nas atuais e instalação de novos reservatórios de água. Estes têm como finalidade prever a ocorrência de interrupções no fornecimento e suprir as regiões prejudicadas.

Na Grande Vitória, por exemplo, de acordo com o que disse Paulo Miranda, serão implantados reservatórios em número de três, no município de Vila Velha, um de aproximadamente 20 milhões de litros em Santa Lúcia perto do atualmente existente, em Gurigica e no morro de São Benedito.

A única construção similar, de Santa Lúcia, apenas tem capacidade para cobrir as necessidades de Vitória por pouco mais de 60 minutos, já que dispõe de apenas 5 milhões de litros. A linha de ação da Cesan se desenvolverá de modo que se proporcione condições de que o fornecimento não seja interrompido pelo menos oito horas após o início da interrupção no abastecimento.

Para Paulo Miranda, a captação de recursos externos a fundo perdido servirá

SERVIRÁ - Bairro de Lourdes, Baixada da Gurigica de Fora, Morro do Constantino, Jaburu, Consolação, São Benedito, Penha, Bonfim, Itararé, Santos Dumont, São Cristovão, Santa Maria, Andorinhas, Santa Luzia, Vila Maria, Vila Maruipe, Eucaliptos, Santa Cecília, Engenharia, Taboazeiro de Dentro, Tabuazeiro de Fora, até no Contorno, no Bairro Joana D'Arc.

CONVITE AO POVO EM GERAL - Faça uma visita ao local VAI DE CARRO NO LOCAL - passe por dentro da mata reservada para o Turismo pela Prefeitura Municipal de Vitória, ALTO DE SÃO BENEDITO. Acima da lavanderia local VAI LÁ!

O AUTOR DA OBRA

Histórico: O Sargento Carioca, ou Ascendi, no Fagundes de Aguiar. Está há 12 (doze) anos reservando este local para esta obra.

BREVE O POVO TERÁ MUITA ÁGUA E PAZ!

-VIVA O DR. PAULO MIRANDA, PRESIDENTE DA CESAN-

para reduzir a dependência da Cesan e, conseqüentemente, o seu comprometimento, com o que se refere a empréstimos. Isso acarretaria também, por outro lado, a redução dos encargos impostos à população.

Ele explica isso dizendo que do ano passado para 1976, a taxa de inflação foi de 40%, enquanto que as tarifas de água cobradas aos usuários dos seus serviços apenas foram aumentados em 30%. Diz que sendo o orçamento do órgão oriundo de recursos a fundo perdido e de financiamentos, quanto maior o volume dos primeiros, menor a participação do povo em proporcionar fundos à Companhia.

Analisando especificamente a situação do reservatório de Santa Lúcia, que se encontra totalmente vazio e sem utilização pela Cesan, Paulo Miranda afirmou que no próximo ano ele voltará a funcionar, somente não o estando atualmente por motivos de ordem técnica.

Entre tais motivos está o da existência de canos de diâmetro insuficiente para atender a demanda, necessitando, para isso, de maior pressão em seu interior, para que levem água até o final das redes. Explicou o presidente da Cesan que o reservatório foi construído em 1967 pelo DNOS, funcionando até o ano passado para o abastecimento da zona norte de Vitória.

O que ocorreu, segundo ele, foi de que a população cresceu e as redes não foram aumentadas. Dessa forma, e

estando a estação de Cobi em um nível mais alto que o morro de Santa Lúcia, seria contraproducente a utilização do reservatório.

Dai resultaria que a pressão no sopé do morro, segundo disse Paulo Miranda, seria maior que no alto e, portanto, com melhores possibilidades de conduzir o líquido para as regiões mais afastadas. Esta situação seria ainda engrossada pelo fato de que as redes que ligam Cobi diretamente aos bairros têm diâmetro maior que as do reservatório.

Dessa forma, a única solução seria a substituição dos canos atuais pelos de melhores condições, o que será feito no próximo ano. Paulo Miranda sustenta ainda que a estrutura do reservatório se acha em perfeitas condições de utilização, não apresentando rachaduras ou outras irregularidades, mas apenas alguns vazamentos no cabeçote de registro, o que pode ser facilmente consertado.

Diz que, no tocante às explosões da pedreira que a Incospal mantém nas proximidades, estas não chegaram a interferir na estrutura, tendo a Cesan somente enviado uma notificação àquela empresa para que tivesse cuidado no sentido de que isso não viesse a acontecer.

Para o ano que vem, segundo os planos da Companhia Espírito-Santense de Saneamento, será construída uma guarita de guarda no local do reservatório, com telefone e demais instalações.

Recorte de Jornal guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

A origem do nome “Território do Bem”

O nome **Bem** vem do **Banco Bem**, banco comunitário, com sede em **São Benedito**, que motivou a integração entre as comunidades deste território. O **Território** possui uma instância organizativa própria, o **Fórum Bem Maior**, que discute e articula as ações de desenvolvimento local.





Memória Viva do Morro da Floresta Vitória/ES

Narradores:

Pastor Manoel Batista Pimentel
Paula Francinete Conrado de Almeida
Dona Creuza Gaspar Vieira
Ivete Pereira de Souza
Fábio Gomes da Silva (Zinho)
Geisileidia Pereira de Souza Guilherme
Marlene de Freitas

Pesquisadoras:

Gabryelle Rodrigues de Souza
Ivete Pereira de Souza

Diagramador:

Soter França

Coordenadores:

Denise Barbieri Biscotto
Valmir Rodrigues Dantas

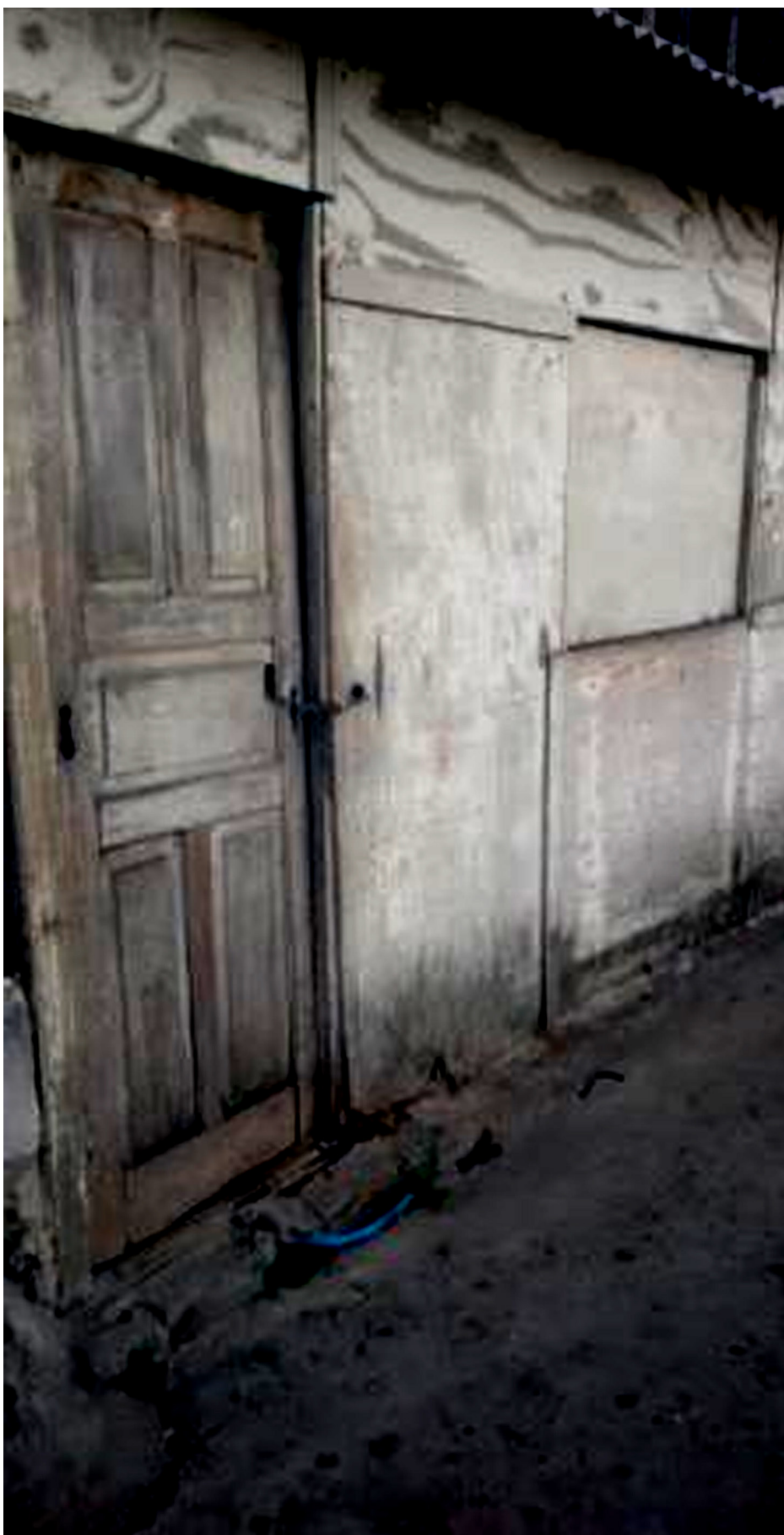
Morro da Floresta

Por muito tempo a comunidade foi chamada de **Morro do Horto**, depois é que virou **Floresta**. O nome da comunidade foi dado por causa da quantidade de árvores que tinha por lá. No processo de ocupação a área foi desmatada.

Floresta, uma comunidade que junto com **Jaburu** e **Constantino**, formam o bairro **Gurigica**, em **Vitória/ES**, foi formada a partir de ocupações clandestinas de famílias pobres, retirantes do interior do **Estado** e do **Nordeste**.

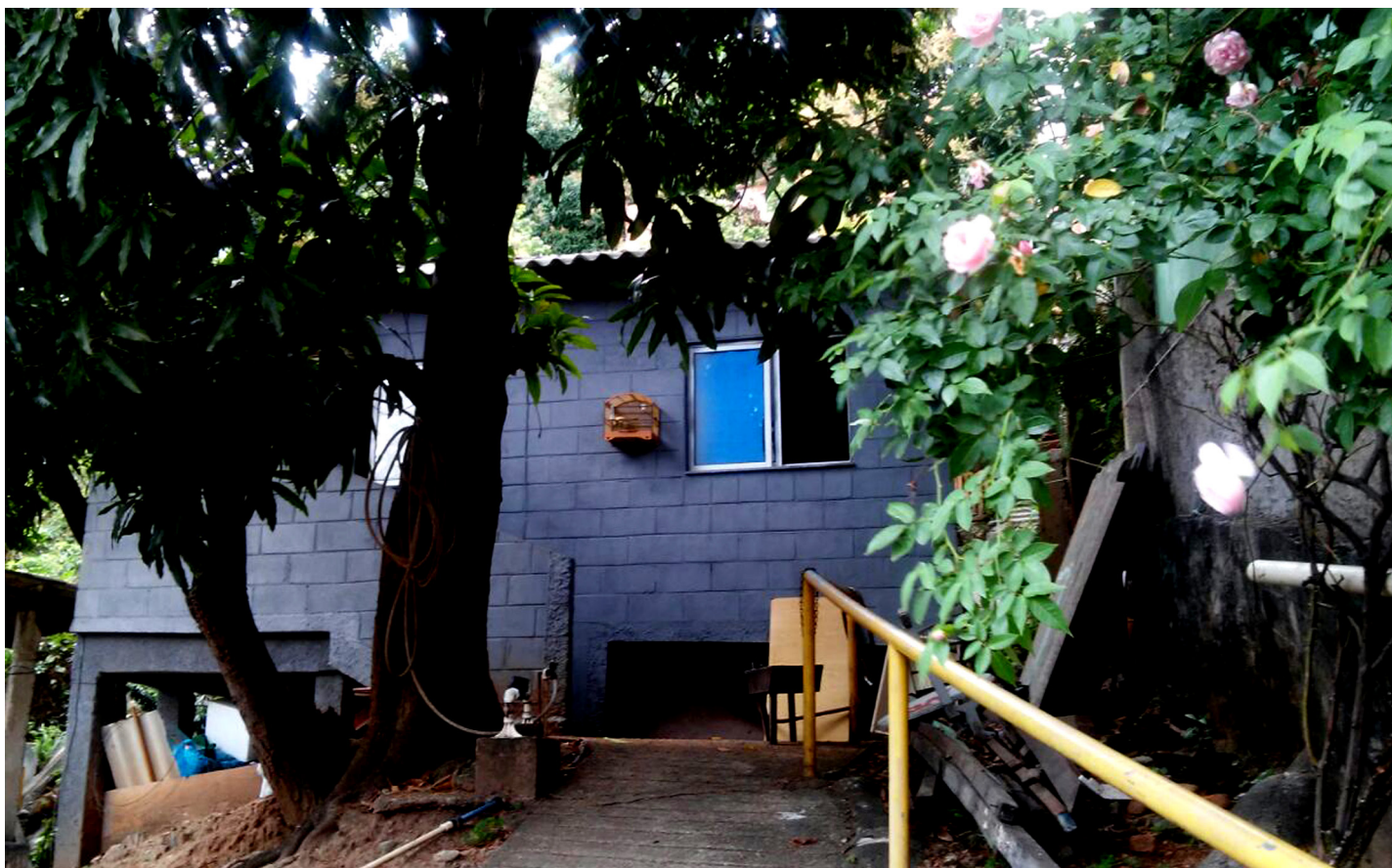
Como nos outros bairros e comunidades, no início da ocupação, em 1945, era tudo muito difícil, não havia energia elétrica, nem geladeira, nem gás de cozinha e nem água encanada. Os primeiros moradores iam até **Consolação**, pra fonte que ficava perto da casa do coronel Hélio, pra poder buscar água. Entrar em um banheiro, ligar um chuveiro de água quente e tomar um banho, ninguém nem sonhava com isso naquela época. Para tomar banho de caneco, muitas vezes era necessário tirar a água da poço com um balde amarrado a uma corda.

O acesso à parte mais alta de **Floresta** é muito difícil, carro não chega lá não, são mais de 100 degraus. Se até hoje é muito difícil comprar alimentos, imaginem como era e ainda é difícil construir uma moradia. O material de construção é carregado nas costas.



Vendinha do morro do Floresta – 2016

Em 2010 e 2011, 12 casas que estavam em área com risco geológico foram reconstruídas pela **Prefeitura Municipal de Vitória**



Casa da Dona Creuza Gaspar – uma das moradoras que teve sua casa reconstruída



O Morro do Floresta hoje é assim...



HISTÓRIA DA RUA CABO PARAÍBA

(e a primeira família do Morro da Floresta)

“A principal rua do **Morro da Floresta** foi batizada como Cabo Paraíba. Cabo Paraíba era o apelido de João Antonio de Freitas, filho da primeira família a se instalar na comunidade, em 1932, vinda da Paraíba. Esse menino que chegou em **Vitória** com 12 anos de idade, gostava muito de jogar bola e de planejar, com os outros garotos, as partidas de futebol. A casa dele estava localizada perto de um local de passagem que dava acesso ao bondinho lá na **Avenida Vitória**. Esse caminho perto da casa do menino também levava os moradores até o **Campo de Futebol do Olaria**, em **Consolação**. Onde era o **Campo de Futebol do Olaria** foi construído o residencial **Village D’Or**.

Circular pelo caminho de perto da casa do menino era muito difícil: era um caminho perigoso e assustador, cheio de mato e pedregulhos. No meio desse caminho também tinha uma pedra que impedia que as pessoas soubessem quem ia ou vinha tando da **Avenida Vitória**, como da **Rua Pedro Lima do Rosário**.

Esse menino cresceu e a vontade de melhorar aquele caminho só aumentava.

João Antonio foi militar por uns tempos e por isso passou a ser conhecido como Cabo Paraíba. Trabalhou na **Companhia Brasileira de Energia Elétrica** e na empresa de energia, participando de reuniões com os colegas e das reuniões dos patrões com os empregados, aprendeu a se colocar, a dar opiniões e sugestões. Daí passou a fazer reuniões com os moradores para pensar, entre outras coisas, como poderiam melhorar aquela rua para que os moradores pudessem ir e vir com mais facilidade e segurança. O Cabo Paraíba, que gostava muito de discursar nas reuniões e assembléias, foi presidente do **C.N.R Botafogo**.

Antes de falecer ele formou uma comissão de moradores para apresentar a ideia do projeto da rua para a **Prefeitura de Vitória**. A ordem de serviço para a feitura da **Rua Cabo Paraíba** foi assinada em 1996 e a obra foi concluída em 1998.”

Escrita por Ivete Pereira de Souza e contada pela Marlene, filha do Cabo Paraíba





Trecho da Rua Cabo Paraíba



“Essa foi uma das primeiras casas de alvenaria da Rua Cabo Paraíba que ainda resiste ao tempo.



Cabo Paraíba com os colegas de trabalho

Outras primeiras moradas e moradores do Morro do Floresta

“A segunda família a chegar no **Morro da Floresta**, em 1945, foi a da Dona Maria do Rosário Loiola, conhecida pelo apelido de Bineca.

A Bineca vivia em uma cabana de estuque, coberta de palha de coqueiro, num pedacinho de terra cheio com muitos pés de frutas: tinha cajueiro, tinha mangueira, acerola e outras frutas também. Esse pedacinho de terra ficava às margens de um caminho que antes da pavimentação era só mato e lama. Os moradores de Floresta e de Consolação tinham muita dificuldade de circular por ali. Esse lugar cheio de lama deu lugar à Rua Pedro Lima do Rosário.

Nessa época, uns cabritos que eram criados lá em Consolação vinham pastar no alto do morro. Tinha ali muitos animais silvestres e depois passou a ter muitos animais domésticos também.

Dizia a lenda que o Morro do Floresta, um pedaço deserto antiga Fazenda Maruípe, era mal assombrado. Os moradores diziam que existia ali Lobisomem, Mula Sem Cabeça, Saci Pererê.

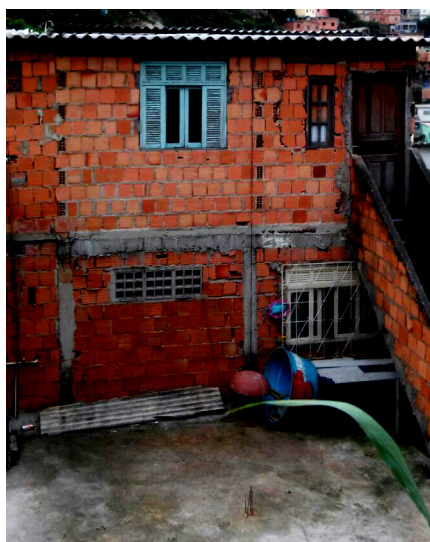
A terceira família a habitar o Morro da Floresta, chegou em 1950. Era a família do Seu Ciro Pimentel que chegou com a comunidade ainda bem deserta. Por ali só havia pedra, mato e muito buraco. Circular por ali era muito difícil porque não havia escada e nem uma trilha melhorada. Muitas vezes era preciso colocar umas tábuas para poder passar de um lugar para outro.

No morro não tinha água encanada e aí Seu Ciro improvisaram uma torneira no começo da subida para o morro, onde hoje é a Escadaria Cabo Paraíba. Dava tanta briga por conta da água que um dia Seu Ciro se aborreceu, tirou a torneira e tapou o lugar de onde saía água.

Lazer só a pelada no quintal de casa e aí Seu Ciro, com a família, resolveu criar uma banda de Congo para animar os finais de semana.

Em 1951 chegou a família da Dona Maria Batista que ocupou a parte mais alta do Morro. As famílias tinham muitos motivos para se juntar para lutar por melhorias para a comunidade. As escadarias só foram pavimentadas a partir de 1996, com muita garra e depois de muita luta. E assim tudo é conquistado, devagarzinho, até hoje.”

Escrita por Ivete Pereira de Souza



Casa da Bineca - 2016



Casa do Seu Ciro Pimentel – 2016



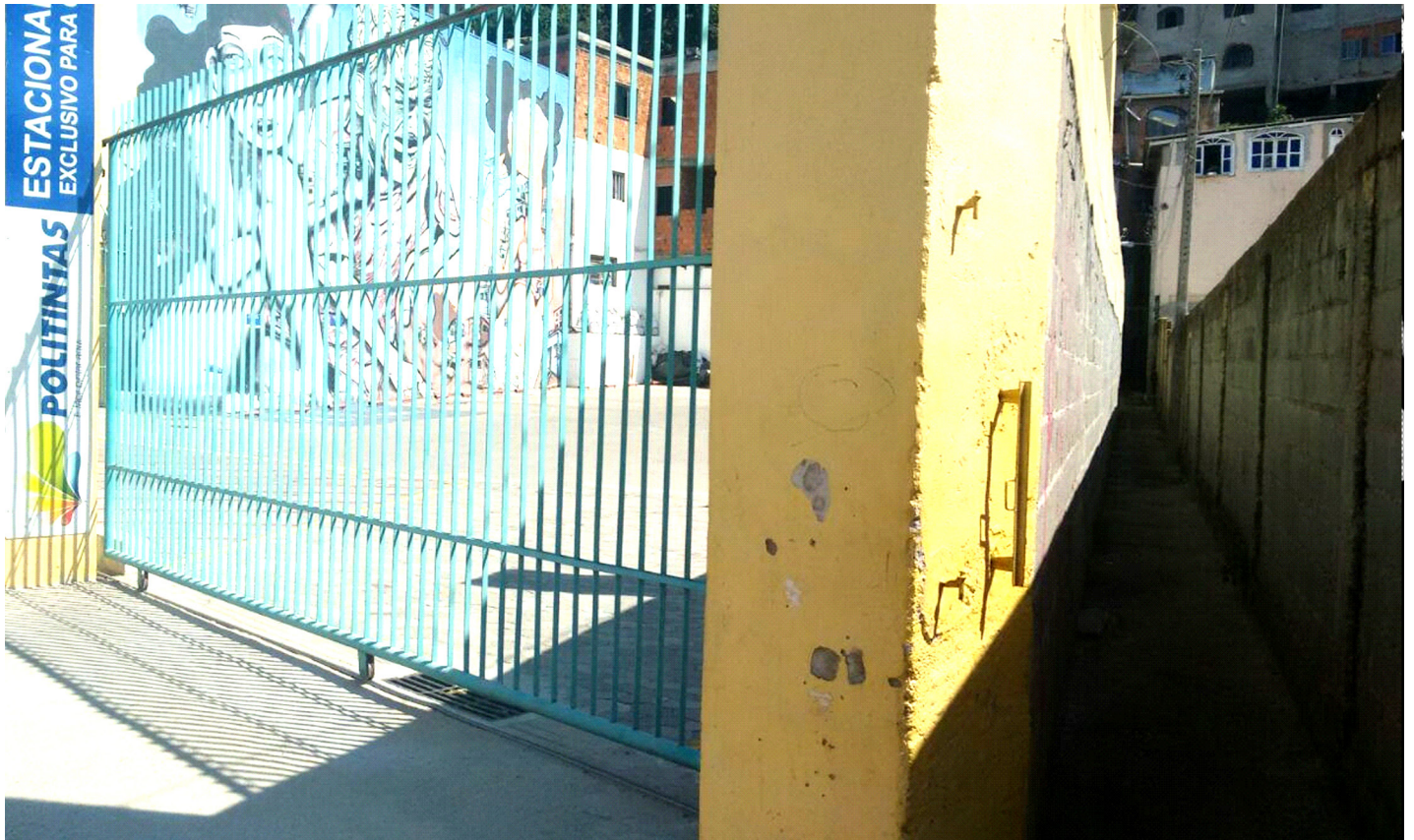
Casa da Dona Maria Batista - 2016

Distribuidora de gás do Seu Hélio

A Distribuidora de Gás do Seu Hélio, situada na Avenida Leitão da Silva, foi criada em 1973, e atendia a todas as comunidades do entorno do Território do Bem, inclusive os moradores da Comunidade de

Floresta que iam lá pegar botija de gás pra subir com ela nas costas. Moradores de bairros mais distantes vinham buscar o produto até de carrinho de mão, pois ainda não havia serviços de pronta entrega. Com o tempo a

empresa mudou de dono, e passou a ser administrada pelo Seu Iris e sua família até 1993, quando fechou as portas. O local hoje serve de estacionamento de uma loja de tintas.



O terreno da Distribuidora de Gás deu lugar a um estacionamento

Hoje está assim o beco que dava acesso à Distribuidora Hélio Gás

Igreja Pentecostal Fonte da Restauração

A Igreja Pentecostal Fonte da Restauração, em Floresta, foi fundada em 10 de Julho de 2005 pelo pastor **Manoel Batista Pimentel**. A única igreja de Floresta demorou seis anos para ser erguida. O terreno foi adquirido em 2004, por 2 mil reais, e abrigou a igreja e a residência do pastor. O local abriga também as reuniões da associação de moradores.



Pastor Manuel Batista Pimentel, fundador da primeira e única igreja do Floresta



Casa da Benzedeira Dona Flor

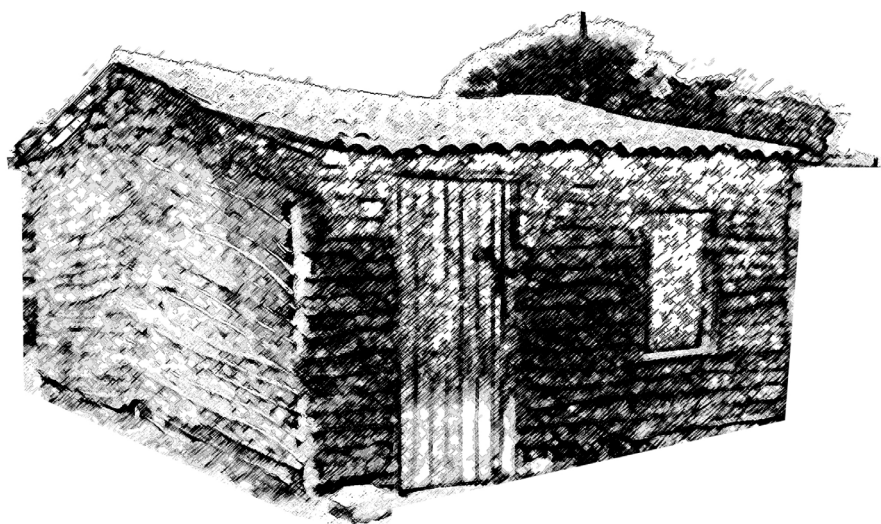
Dona Flor foi uma das benzedeadas da comunidade **Floresta**, muito respeitada e reconhecida pela comunidade. Num tempo em que era difícil recorrer aos serviços de saúde, Dona Flor é quem socorria as mães com suas crianças doentes. Além de benzer, também receitava e doava medicamentos produzidos por ela mesma a partir suas plantas medicinais. Isso fazia com que os moradores acreditassem no poder de sua medicina natural, por quem nutriam muita simpatia e confiança. Além de crianças, Dona Flor benzia também jovens, adultos e idosos. Ela era conhecida como dona Flor, mas seu nome verdadeiro era Floripis Carlos da Silva. Nasceu em **Vitória** no dia 04 de fevereiro de 1884 e faleceu em 2004, com 120 anos.



Dona Flor e a sua casa

Casa da Benzedeira Dona Maria

Pessoa muito bondosa e prestativa, Dona Maria era também uma benzedeira reconhecida, que atendia em sua casa os moradores da comunidade que não tinham como recorrer a um médico ou outro tipo de assistência. Além de benzer, ela também ensinava os moradores a fazer seus próprios remédios com plantas medicinais. Se o doente não pudesse ir até sua casa, ela é que se deslocava até a pessoa que precisava de ajuda. Veio de **Ibiraçu**, onde nasceu, com 14 anos de idade para morar em **Vitória**. Seu nome verdadeiro era Adélia dos Santos nascida em 13 de maio de 1921, faleceu em 2003.



Nossa história Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

